

Um gentleman para Catherine Phill

Entre uma fina linha tênue, a divergir, amor, e
obsessão....

Anne T. Dolivan

O embate	11
A fissura	17
O Ilustre convidado.....	23
A favorável tempestade.....	26
O prolongar	35
O ciúme	41
A apelação.	47
A revelação	52
O pedido	58
O comunicado oficial.	64
A infeliz vida de Catherine Phill.....	70
O arrependimento.....	76
A visita inesperada.....	81
A certeza aprazível.....	85
O anel.	96

Um gentleman para Catherine Phill, por Anne T. Dolivan

*Amor ao próximo, respeito, compaixão. Os únicos sentimentos
que podem nos tornar dignos de sermos considerados seres
humanos. Se não temos tais sentimentos, somos apenas seres
vivos, apenas...*

*Dedicado ao meu amado marido Adrian . B
(Anne T. Dolivan)*

Um gentleman para Catherine Phill, por Anne T. Dolivan

Capítulo-1

Um gentleman para Catherine Phill, por Anne T. Dolivan

O EMBATE

Confissões de Catherine Phill

Ele, o metafórico e genuíno gentleman de coração brando. Seus traços eram em neblinas mansas, e límpidas, em respingos apaziguadores e inebriantemente ternos, em divergência a ínfimas linhas tênue de marés rebeldes. Entrelaçou os dedos, em ânsia por um ruído qualquer que desfizesse aquele silêncio ensurdecedor.

Estralos, estralos, e mais estralos...Linton Apolline ouvira o silêncio dizimar em consequência daqueles simples movimentos. E, por tal feito, Apolline peneirava em breves instantes a conclusão mais conclusiva de toda a sua vida.

Um movimento...um movimento bastava para que Apolline fugisse daquele melancólico momento de solidão. Tão banais quanto o passar dos segundos eram as ignóbeis ideias do gentleman francês.

Entretanto, aquele pensamento não se estreitava entre as mais tolas de seus melancólicos devaneios. Um amontoado de papéis virgens, e quatro canetas pretas, fora o que estava ao alcance de Apolline.

O inquisidor francês mais pálido de toda a Orleães. Não pelo seu sintuoso terno de linho branco, nem pelo seu requintado e vasto bom gosto para vinhos. Muito menos pela sintonia dos belos traços de seu rosto, e, ainda menos, pelo seu amável e admirável gesto cortês de se portar, para com qualquer alma que fosse, nobre, ou plebeu.

Era pelo seu **Heart**, sim, **Coeus...Coração**. Apolline transpassava os inimagináveis níveis de altruísmo. Em auge de benevolência, Apolline, em uma manhã de novembro, de 1982 concluía seu feito mais benevolente. Linton Apolline doara um quinhão comparável a uma chuva de euros para a ‘ ‘ Charité’’, (caridade).

Houve quem o intitulasse insano, assim como houve também quem admirou em brio a bondade de seu coração. Fizera boa fama entre muitos, e em inversão, fora odiado por poucos. Era integro, e em nada soberbo.

Entre tantas definições de sua graça, GRACIOSO, era a que mais se destacava. Emilly Phill confessara tê-lo visto certa vez praguejar, mas, ao julgamento de todos, não poderia passar de infundáveis calúnias.

Pois, acima de tudo, Apolline era um católico, um devoto, um cristão. E seria tanto quanto um pecado o difamar. São disparates, disse certa vez uma mulher, e, são sandices, disse uma outra.

Mas, antes de formar mais ditos em nome dele, era de se considerar que entre tantos homens, não havia um homem melhor que ele. Eu ouvi, ouvi quando Emilly o condenara, vi como as palavras sobressaltaram de forma venenosa de seus lábios avermelhados.

Enquanto ela, tolamente, acreditava que sua leviandade não transpassaria as paredes do teatro Bonsolar. Eu olhei para um lado, em seguida para o outro, e vi tudo o que deveria ver. Não mais do que me era necessário, não menos do que me era dispensável.